



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração—Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Talha—Lisboa • Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

BOATOS...

Rumoreja-se, já há dias, que está para rebentar mais um movimento insurreccional, que desta feita seria levado a cabo pelos monárquicos.

Habituação como estamos a ouvir anunciar cotidianamente revoluções, som que na maior parte dos casos o boato corresponda a qualquer coisa de efectivo, não tomamos ligado ao caso a mínima importância, é assim que temos assistido, plenos de indiferença, às declarações que, sobre o assunto, tem sido feitas no parlamento e na imprensa.

A verdade, porém, é que o boato tem-se avolumado singularmente nos últimos dias, pormenorizando-se até os preparativos dos *boi-diant* conspiradores, os quais, ao que corre, proclamam contar com milhares de elementos militares e civis, atribuindo-se-lhes ainda a declaração—o só isto nos leva a tratar do assunto—de que tocam a adesão de numerosos operários organizados, os quais seriam capitaneados por alguns militares, o que, a ser assim, seria uma coisa de nos deixar não estarrecidos, mas singularmente alarmados.

E o caso não seria para menos.

Embora, em nossa opinião, dum boato sem consistência se trate, não queremos deixar de dizer nas colunas de *A Batalha* que a organização operária, da qual este jornal é órgão, perante um novo movimento político revolucionário—e para mais partido dos monárquicos—só teria dois caminhos a seguir: o de se conservar indiferente na presença dele, como tem feito ante todas as anteriores revoluções políticas, ou, se interviesse, seria para castigar o movimento os que pretendessem dar-nos mais um espectáculo sem grandeza como seria o dum movimento insurreccional monárquico, impossível de triunfar sem o concurso da alma popular, e a alma popular está com os republicanos, mas está muitíssimo menos—e os factos o têm comprovado—com os reacçãoários, que outra coisa não são, em regra, os monárquicos portugueses.

Como somos homens duma só

cara e duma só fé, diremos, uma vez mais, que trabalhamos para a Revolução, mas essa Revolução nem ao de longe se assemelha aos movimentos insurreccionais dos políticos, de quaisquer cores que sejam, porquanto a preocupação máxima destes é deslocarem os que estão no Poder para se collocarem no seu lugar, movidos apenas pela ambição do mando, enquanto que a Revolução para a qual batalhamos incessantemente, pela pena, pela palavra, pela acção, visa a uma transformação social profunda, a uma transformação, que proporcione a todos os indivíduos, não apenas a alguns, iguais condições de bem-estar, de conforto, de felicidade.

Quanto ao boato de que no anunciado movimento político cooperariam elementos operários e até alguns conhecidos como militantes, devemos declarar que nos repugna tomar a sério tal dislate, que levamos à conta de uma baixa intriga, porquanto seria curioso que homens com a cabeça no seu lugar, como quem quer ser necessariamente aqueles a quem os sindicatos escolhem para os representar em várias manifestações da vida operária, se prestassem a servir as ambições de quaisquer políticos ou sobrotudo de políticos monárquicos.

Trata-se evidentemente duma baixa calúnia, duma calúnia como tantas outras que tem partido, vezes várias, dos arraiais políticos.

Mas se assim não fosse, isto é, se a versão traduzisse algo de concreto, nesse caso não seria só *A Batalha* a vergastar violentamente as criaturas bifrontes que um tal papel se prestassem a representar. Levantar-se-ia a organização operária em péso a gritar o seu desprezo a semelhantes elementos, que imediatamente teriam que ser arredados do meio da gente limpa que trabalha no movimento sindicalista, qualquer que fosse o seu valor intelectual, a actividade que desenvolvessem ou o prestígio de que gozassem.

Mas como estamos convencidos que apenas de boatos sem fundamento se trata, não haverá lugar a gesto tam concludente.

NOTAS & COMENTÁRIOS

In illo tempore...

Relembra o *Diário de Notícias*, na sua secção retrospectiva, o preço de alguns géneros alimentares, aqui há quarenta anos. Há quarenta anos... Não vivia ainda nesse tempo quem estas linhas rabisca, mas, decididamente, oito lustros não são nenhuma eternidade. E todavia, aqui há quarenta anos... O café, por exemplo, era a deztoitos vinténs o quilo, torrado ou moído, consoante o gosto do freguês, e os vendedores até botavam anúncio para que lhe comprassem a mercadoria, de tal maneira ela abundava. E o bacalhau? Sendo do suco, e «optimor», atestava o negociante, custava a oito vinténs. O frescal, próprio para gente de bom tratamento e hábitos dissipadores era a deztoitos centavos, ou 180 réis, segundo o dizer da época. O resto era assim à proporção. De modo que, apesar da modestia dos salários, a vida corria fácil e o jantar de cada um podia ser um cozido mas não era nunca um problema, de dia para dia mais insolúvel. O certo é que ganha hoje a gente um dinheirão, mas passa fome que é uma consolação. Nega a burguesia este facto evidente, pretendendo que só aos nossos hábitos de prodigalidade se devem as dificuldades económicas que nos assolam. Que sejam, poupados, intimam eles. Poupados!... Um dia destes barafustávamos por um tercio de galego da casa de posto exigido um cruzado por dois bozados de carne cheia de nervo e pele. E logo o cidadão de Tui, em tom protector:

—Ai, o xenhor acha caro? Pois agora é que é comer, que daqui a seis meses estará pelo dobro. Agora é que é aproveitar.

Demos razão ao inculto garanga. E como tivéssemos ainda os intestinos a meia haste, sem embargo de já ir a conta, alísimos, resolvemos bem aproveitar esta época de barateza de vida e, para prepararmos-nos contra penúrias futuras, mandámos repetir a dose. Uma medida de economia e previdência estomacal, digam lá vocês que não.

Uma iniciativa simpática
Um grupo de operários barbeiros, que devido ao último movimento da sua classe ficaram sem trabalho, montou, em vários sindicatos, postos de barbear. Ali grangeiam o pão de cada dia, visto que os patrões, animados dum ódio inextinguível contra eles, não lhes dão trabalho. Devemos confessar que a frequência a esses postos, apesar de ser muito regular, não é ainda o que seria para desejar. Porque razão os nossos leitores, em vez de engordarem com o seu dinheiro bojudos patrões-barbeiros que hostilizam o movimento sindical, não concorrem para o aumento das fêrias dos camaradas barbeiros despedidos? É um acto fácil, de que resultariam vantagens imensas para a simpática iniciativa.

A vesga reacção
Sabe-se, porque toda a imprensa o noticiou, que o governo ou a burguesia brasileira vem expulsando aqueles elementos operários cuja acção lhe pareceu perigosa ou insurreccional. As praças portuguesas vieram dar alguns dos perseguidos. E aqui temos nós que a *Epoca*, órgão de padres e beatas, a aquilar contra os exilados a polícia, para que os encarcere e submetta ao pólo. A gente da *Epoca*, os que a escrevem e os que a seguem, estão já hoje tam deslocados no ambiente social, que até os governos republicanos, embora também reacçãoários, se mostram pouco condescendentes com a reacção fradesca. O povo desapeçou-se já dos jesuítas como a *Epoca* pretende aviventar. E é assim que a gente do órgão de padres e beatas sofre, quando calha, a sua perseguição. A *Epoca* protesta então, reclamando liberdade em largas doses, mas só para seu uso. Tam perveros como isso. A reacção clerical é uma verminha que o progresso destrói a pouco e pouco. E já no estertor, ainda a lesulada pede perseguições, que a bilita só com a vida se lhe irá. De resto, a gente da reacção, sob o ponto de vista da legalidade, tem contos no cartório, por autora de tentativas revolucionárias, contos que agora desearia liquidar mediante uma amnistia generosa. Ao passo que os expulsos do Brasil nenhum delicto cometeram, sempre sob o ponto de vista legal, pois que a sua acção foi apenas de propaganda, e esta não conta que esteja proibida na legislação regular de qualquer país civilizado. Os da *Epoca* a reclamar trovoada!... mal pensam eles que serão os primeiros a tomar fulminados!

Como ficará constituído o novo parlamento
PARIS, 18.—Estão eleitos 586 deputados, faltando apenas eleger 10, que se repartem pelos departamentos do Aisne, Marne, Moselle e Baixos Alpes e 24 pelas colónias. A lista dos eleitos é a seguinte pelos diferentes partidos: 123 republicanos da esquerda, 57 radicais, 78 radicais socialistas, 26 republicanos socialistas, 65 socialistas unificados, 6 socialistas dissidentes, 126 progressistas, 73 da Acção Liberal e 33 conservadores.—*Rádio*.

Como ficará constituído o novo parlamento
PARIS, 19.—Eis um quadro das candidaturas ganhas e perdidas dos diversos partidos:

Republicanos da esquerda, ganhas 55, perdidas 19; radicais, ganhas 20, perdidas 27; radicais-socialistas, ganhas 10, perdidas 95; republicanos-socialistas, ganhas 8, perdidas 15; socialistas dissidentes, ganhas 6, perdidas 0; republicanos progressistas, ganhas 83, perdidas 7; acção liberal, ganhas 49, perdidas 12; conservadores, ganhas 12, perdidas 12.—*Rádio*.

Como ficará constituído o novo parlamento
PARIS, 19.—Eis um quadro das candidaturas ganhas e perdidas dos diversos partidos:

Republicanos da esquerda, ganhas 55, perdidas 19; radicais, ganhas 20, perdidas 27; radicais-socialistas, ganhas 10, perdidas 95; republicanos-socialistas, ganhas 8, perdidas 15; socialistas dissidentes, ganhas 6, perdidas 0; republicanos progressistas, ganhas 83, perdidas 7; acção liberal, ganhas 49, perdidas 12; conservadores, ganhas 12, perdidas 12.—*Rádio*.

Na Hungria
As eleições para a assembleia constituinte

BUDAPEST, 16.—O governo húngaro fixou definitivamente a data para as eleições para a assembleia nacional e a data da primeira reunião da assembleia. As eleições efectuar-se-ão em 21 de Dezembro e a primeira reunião da assembleia a 3 de Janeiro.—*Rádio*.

Na Bélgica
Uma vitória dos socialistas

BRUXELAS, 19.—Toda a câmara compreenderá 73 católicos, que perderam 20 lugares; 79 socialistas, que ganharam 30 lugares; 34 liberais, que perderam 11 lugares, e 9 pertencentes a diversas agremiações que não tem cor política. Estão eleitos para o sonado: 13 católicos, que perderam 12 lugares; 30 liberais, que ganharam 2 lugares, e 20 socialistas, que ganharam 10 lugares. Os conselhos provinciais marcaram o dia 27 do corrente para a eleição de 27 senadores. Supõe-se que na constituição do novo ministério entrarão membros de três partidos.

NA "LIVRE" AMÉRICA

Mortes, linchamentos, prisões

Nos Estados Unidos, terra da "liberdade", há autoridades que, conluídas com o capitalismo, a este entregam propagandistas operários, que depois são ferozmente espancados, quando não mortos.

O comité geral de defesa dos membros da I. W. W., (Associação dos Trabalhadores Industriais do Mundo), enviou-nos a seguinte carta, em memória das camaradas mortas nas prisões da América:

«Esta carta é em memória de R. J. Blaine, Ed Burns, H. C. Evans, James Holan e Frank Travis, que morreram na prisão de Sacramento, Califórnia, à espera de julgamento, e de James Gross, que morreu nas mesmas condições em Hewton, Kansas.

Destina-se, também, a lembrar-vos que nos cárceres e penitenciárias de toda a América se definham assim milhares de membros dos «Trabalhadores Industriais do Mundo», uns cumprindo longas penas, e outros esperando pelo julgamento. No estado de Kansas estão presos já há dois anos 33 homens, sendo os cárceres dos piores de toda a América. Já duas vezes que responderam, mas ainda tem de comparecer terceira perante os juizes.

Dois ou três deles encontram-se muito doentes, sofrendo terrivelmente tanto do corpo como do espírito.

Parece que estes homens primeiro não de sofrer o castigo, e depois não é que não de ser julgados. No entanto a Constituição garante a cada indivíduo um julgamento imparcial e honesto.

Vós podéis auxiliar os camaradas, cujos nomes se seguem, proporcionando-nos meios para a sua defesa:

C. W. Anderson, W. Francis, Paulo Mathak, E. M. Boyd, S. Shurin, Carlos Schindler, F. J. Gallagher, Jorge Wenges, Fred Grau, S. Forbes, Roberto Poe, F. Patton, M. Hecht, Leo Stark, J. Walberg, H. Mac Carl, M. Sapper, J. Caffrey, Alberto Barr, Tom O'Day, Jim Davis, O. E. Gordon, Ray Lambert, Harry Dwyer, Miguel Quinn, A. Blumberg, E. Huber, S. Hickox, Jos. Greshbach, Pedro Higgins, Ernesto Henning.

Podéis salvar a vida, ou dar a liberdade a estes homens, enviando qualquer donativo ao Comité Geral de Defesa, 1001 W. Madison Street, Chicago, Illinois, que será escriptamente empregado na sua defesa e libertação.—Vosso pela liberdade industrial—D. Haywood.

Em auxílio dos presos

O comité geral de Nova York a fim de angariar fundos para a defesa dos membros da I. W. W., resolveu mandar reproduzir em medalhas de prata oxidada, a já familiar carta do trabalhador, atrás das grades da prisão, com a legenda seguinte: *Lembra-vos! «Nós estamos aqui por vós e vós deveis estar lá fora por nós»*.

Estas medalhas serão vendidas na América a 25 centavos, sendo todo o produto destinado a auxiliar os camaradas presos.

Dirigir pedidos a James Doyle, 115 East 10th St., Nova York.

O sangue proletário corre na América

A grêve dos metalúrgicos, que o presidente Wilson tentou enviar para as caldeiras gregas, a fim de dar tempo a que os milionários melhor se preparassem, estalou em toda a sua extensão e violência. Foram 290.000 metalúrgicos e mecânicos que cruzaram os braços. Em Chicago as equipagens dos navios, encarregados do transporte de mineral, também votaram a grêve de solidariedade. Os mecânicos das oficinas de ferro-carris de Cleveland puzeram-se em greve e diversas oficinas Carnegie, no distrito de Pittsburgh, fecharam.

O governo dos Estados Unidos, que é o governo mais democrático do mundo, tem procedido violenta e sanguinariamente contra os grevistas. Em New Castle, na Pensilvânia, num conflito com a força pública, na oficina Carnegie, ficaram feridos sete operários.

Nos outros distritos tem havido mortos e feridos. Os polícias dão largas aos seus instintos sanguinários, protegidos pelo governo de Wilson, que declarou que não intervém no conflito. Mandar as polícias fuzilar os grevistas, eis a neutralidade do Estado democrático nas contendas entre o capital e trabalho.

O Senado ordenou um inquérito sobre a greve e propôs que se convocassem representantes dos operários e dos capitalistas. A burguesia política procedeu assim, para depois poder justificar a sua perseguição feroz, no caso de desentendimento. Mas esperamos que para vergonha da velhacaria de Gompers e da hipocrisia do governo mais democrático do mundo, que os metalúrgicos saiam vitoriosos nesta luta tremenda.

O suicídio de Carlos Swanson

Carlos Swanson, um dos trinta membros da I. W. W. que se encontravam encarcerados na prisão do condado de Spokane, suicidou-se por meio de enforcamento.

Os companheiros de prisão contam que ele de ta tempos se vinha queixando que não podia suportar mais perseguições, e que estava disposto a acabar com a vida. Respondiam-lhe estes que não pensasse nisso, pois que, afinal, não era mais mal-tratado do que os restantes presos, mas ele nunca se

Mais perseguições

Os trabalhadores de Calipatria e Vale Imperial tinham resolvido realizar no dia 6 de setembro uma sessão de propaganda associativa para a qual tinha sido convidado Pedro Litch, membro da I. W. W. Apenas este tinha começado a falar chegaram de automóveis, acompanhados do chefe de polícia da cidade, vários ranchers (proprietários de grandes herdades), em atitude ameaçadora, e provocando os assistentes. O chefe de polícia, afastando-se deles, dirigiu-se a alguns trabalhadores e disse-lhes que era melhor interromperem a sessão, porque, lá por si não tinha nenhuma animadversão contra a I. W. W., mas que os ranchers vinham dispostos a fazerem desordem.

Os trabalhadores depois de terem conversado uns com os outros, decidiram afinal, para evitar questões, interromper a sessão. Depois de quasi tudo ter dispersado, o chefe de polícia deu ordem de prisão a P. Litch, dizendo, no entanto, que se assim procedia era obrigado pelo tal grupo. Litch deu entrada no cárcere ali pelas 9 horas da noite, e daí a pouco o chefe veio-lhe pedir que lhe entregasse: todo o dinheiro que possuía, porque os ranchers tinham resolvido assaltar a prisão à meia noite para o espancarem e talvez matarem.

Ele respondeu que o dinheiro não saía da sua mão, e que sendo isso verdade era a ele como representante da autoridade que lhe competia evitá-lo. Mas este, como também era cúmplice dos outros patifes, ainda lhe forneceu as chaves, e eles à meia noite lá apareceram na cela de Litch. Vendo-se sem se poder defender contra o ataque de nove homens, Litch começou a gritar por socorro, e eles então agarraram-no e meteram-no num carro, seguindo todos para fora da cidade.

Lá foi espancado até perder os sentidos, e depois roubaram-lhe toda a roupa, um relógio de ouro e cerca de 120000. Uns trabalhadores por acaso é que o encontraram todo ensanguentado, sem se poder ter de pé, e tiveram de lhe dar das suas roupas porque encontrava-se todo nu.

Isto parecem verdadeiras histórias de contos de ladrões, mas no entanto são factos reais, comprovados por muitas testemunhas.

Publicações estrangeiras da I. W. W.

Probadu. (Despertando), semanário búlgaro; *Der Industrial Arbeiter*. (O trabalhador industrial), quinzenário, órgão dos israelitas; *Proletarias* (O Proletário), mensário lituano; *Felszabadulak* (Emanipação) semanário húngaro, *Golos Truzenka* (A voz do trabalhador), semanário russo; *Il nuovo proletário* (O novo proletário), semanário italiano; *Nya Varlden* (O novo mundo), semanário sueco; e *La nueva Solidaridad* (quinzenário espanhol).

O question da pesca em Setúbal

Esteve ontem no governo civil uma comissão de mulheres das famílias dos marítimos de Setúbal, a fim de protestar contra o emprego dos cercos a vapor, querendo entregar uma representação nesse sentido. O governador civil disse que não era a ele que competia tratar o assunto, mas sim ao ministro da marinha.

Outra comissão esteve com esse ministro, a quem fez igual pedido, prometendo este interessar-se pela questão, enviando amanhã a Setúbal o vice-almirante Almeida e Lima, que a estudará e procurará apresentar uma plataforma para a solucionar.

Estas comissões foram acompanhadas por cerca de 500 mulheres dos marítimos, que no Terreiro do Paço aguardaram o resultado das *démarches*.

Na nossa redacção esteve ontem uma comissão, que protestou contra o procedimento da presidente e da secretaria da Associação das Operárias das Fabricas, que na questão da pesca tem procedido sem consultar a classe. Também nos contaram que na última quarta-feira, de manhã, o peixe dos cercos à vela foi vendido de 4500 a 2500 a canastra, ao passo que o dos cercos a vapor era adquirido pelos fabricantes de conservas a 10500. Vêem nisto um propósito manifesto de parte dos industriais de arruinar a classe marítima.

Em França

A neve cai abundantemente em toda a França, o que torna difíceis as comunicações em muitos pontos.

AS 8 HORAS DE TRABALHO

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Realizando-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de protesto contra o desrespeito ao horário de trabalho, convida-se o operariado a comparecer.

Também se convida a comparecer a esta sessão o sr. Augusto Dias da Silva, na qualidade de autor da lei.

O movimento dos Profissionais Culinários

A classe dos profissionais culinários continua em sessão permanente, recebendo continuamente novas adesões de várias casas que estão dispostas a cumprir com as 8 horas de trabalho, assim como de camaradas que se tem prontificado a deixar as casas onde trabalhavam com uma espontaneidade que os dignifica. O movimento caminha de uma forma optima; espera-se para breve a vitória completa da classe. O paratratado continua urdindo os maiores tramais, lançando mão de todos os estratagemas para ver se pode vencer os profissionais culinários.

Operários Alfaiates

A comissão de melhoramentos ocupou-se da forma como está sendo cumprido o novo horário de trabalho, lembrando mais uma vez que os operários alfaiates não devem consentir que o novo horário seja mistificado, devendo ainda enviar para este sindicato participação de qualquer infracção ao horário, para o que se encontrarão na sede delegados desta comissão. Enviou a todos os industriais de alfaiataria circulares em que se reclama para os operários a obras 30 000. Constatou-se que na Alfaiataria Thompson entrou finalmente em vigor o novo horário de trabalho. Esta comissão reúne amanhã, pelas 21 horas.

Transgredindo sempre

Publicamos a seguinte carta que nos dirigiram e que nem sequer necessita de comentários:

«Camarada redactor.—Na Companhia Portuguesa de Aqueceres, na Avenida da Índia, Alcantara, não se cumpre a lei das 8 horas de trabalho máximo, pois há um porteiro e um guarda da noite que trabalham 12 horas cada, isto porque os senhores directores não querem admitir ao serviço um camarada, ficando assim estabelecido 8 horas para cada. Conhecido o caso, é justo que se proceda contra tal arbitrio.»

Na Companhia dos Fósforos

Segundo nos informam, na fábrica da Companhia dos Fósforos está sendo desrespeitada descaradamente a lei, sendo os operários obrigados a trabalhar um maior número de horas sem receber qualquer remuneração extraordinária. Os operários atribuem esse estado de coisas ao gerente e sub-gerente dessa fábrica e ao chefe do pessoal, que andam constantemente dizendo aos operários que aqueles que não queiram submeter-se às suas exigências se podem ir embora porque não fazem falta.

Atelier da Casa Lopes Sequeira

Neste atelier de modista continua a não ser acatada a lei do horário, visto a camurrice da respectiva encarregada, porque o seu proprietário, sr. Lopes Sequeira, parece já ter mostrado vontade em que a lei fosse atendida, porquanto no respectivo estabelecimento ela é respeitada, não fazendo sentido que o caminho demonstrado para com as senhoras que trabalham na loja não se estenda às pobres costureiras do referido atelier, em consequência da recitidão que nos dizem usar o mesmo proprietário.

EM TONDELA

Industriais que não respeitam a lei

TONDELA, 17.—Nas fábricas dos sr. José Tomás & C.ª, António Joaquim do Vale e Almiro & C.ª, está-se desrespeitando descaradamente a lei, obrigando-se menores de 16 e 15 anos, auferindo os miseráveis ordenados de 16 e 20 centavos, a trabalhar um maior número de horas. Para o caso chamamos a atenção da autoridade administrativa, que tem obrigação de fazer respeitar a lei.

A POPULAÇÃO DE LISBOA

Contra os senhores gananciosos!

Não pode o povo de Lisboa conservar-se alheio às manifestações de protesto que a União dos Sindicatos Operários, como legítima representante do proletariado organizado, vem levando a efeito contra os sórdidos senhores que, sofismando a lei do inquilinato, estão, com a aquiescência, senão com a cumplicidade do governo e das autoridades, elevando desmesuradamente a renda das casas, ao mesmo tempo que a Associação dos Proprietários prepara terreno para que aquela lei seja modificada de molde a permitir aos senhores uma extorção maior sobre a população da capital.

Os protestos individuais não tem valor algum. O que vale, o que perdura são as manifestações colectivas e estas fazem-se, primeiro, acorrendo a população de Lisboa às sessões de protesto que se estão realizando nas associações operárias, e, depois, indo em massa ao grande comício público.

Quem se deixa ficar em casa não tem autoridade moral para queixar-se.

NOTE

Sessão, às 21 horas, na sede da Associação dos Fabricantes de Armas, Campo de Santa Clara, 87, 1.º

Idem, às 20.30, na sede da Secção da Construção Civil de Belém, Rua Paulo da Gama, 6.

